



Leonardo
da Vinci
**Objectos
de desejo**
Exposição no Louvre



Arquitetura

Diogo Seixas Lopes: *Ars longa, vita brevis*

A obra completa (com excepção dos livros) de um autor imprescindível para a compreensão da contemporaneidade europeia da arquitectura do início do século XXI. *Paulo Martins Barata*

Arquivo Diogo Seixas Lopes
Diogo Seixas Lopes
(edição de André Tavares)
Dafne Editora

★★★★★



Combinámos um encontro a meio caminho, na plataforma da estação de comboios de Aveiro, sentido norte. Ele ia a caminho do Porto e eu estava recluso em Anadia a acabar a redacção da tese de doutoramento. Como numa cena de um filme de César Monteiro, propusemos identificarmo-nos pelas revistas que cada um traria na mão. Eu, a alemã *Daidalos*, com a qual colaborava na altura, e ele com a sua recém-nascida *Prototipo*. Estava longe de imaginar que esse fim de tarde no café da estação de comboios, de conversa ágil e furtiva algues na Primavera de 1999, me desse a conhecer uma personagem capaz de marcar o resto da minha vida. Escrevo estas palavras na convicção de que muitos, em Portugal e fora, partilham deste sentimento e terão tido no seu convívio momentos igualmente memoráveis e, hoje, de imensa saudade.

Diogo Seixas Lopes, arquitecto, crítico, editor, curador e ensaísta, morreu em 2016 com 43 anos e deixa-nos um património de texto, edição e obra construída que o torna um autor imprescindível para uma compreensão da contemporaneidade europeia da arquitectura do início do século XXI. Pela mão de André Tavares e da editora Dafne, chega-nos agora um *reader* que, sob o título *Arquivo Diogo Seixas Lopes*, colige a obra completa (com excepção dos livros) e que, em tudo semelhante à estimável tradição da imprensa universitária americana, consegue num único volume oferecer ao leitor a compilação de uma obra vasta e plural. Além da teoria e crítica de arquitectura que o notabilizou, o livro reúne textos surpreendentes (alguns inéditos ou dispersos), escritos entre 1992 e 2016, sobre arte, música, cinema e até banda desenhada, numa lógica que Tavares define como

acumulativa e de exaustão, tendo como ambição preservar e disponibilizar um arquivo para futura investigação.

O que não pode deixar de nos surpreender nesta compilação é o quanto Diogo Seixas Lopes conseguiu realizar em pouco mais de duas décadas, quer no volume, quer na substância. Desde logo, a revista *Prototipo*, em colaboração com o designer Pedro Rufino e o seu colega Paulo Seródio Lopes, este último seu companheiro de estágio nos Asymptote em Nova Iorque e Daniel Libeskind em Berlim. Certamente por isso, a revista que se iniciou com “polaridades” entre figuras como Neil Denari e João Luís Carrilho da Graça, ou entre Morphosis e Aires Mateus, acabaria, a par-e-passo da sua candidatura a doutoramento na ETH Zúrique, em “paridades”, entre figuras como José Paulo dos Santos e Meili Peter ou Álvaro Siza e Rafael Moneo, culminando no apoteótico seminário da *Prototipo* realizado na Alfândega do Porto durante a Porto 2001, Capital Europeia da Cultura.

Porém, e sem prejuízo da sua imensa paixão e talento na escrita, Diogo Lopes insistia na absoluta necessidade de uma prática profissional como dimensão disciplinar essencial do arquitecto, e daí a fundação do atelier Barbas Lopes em 2006 em parceria com a sua companheira, Patrícia Barbas, por sua vez, uma talentosa ex-colaboradora de Gonçalo Byrne. A oportunidade para uma obra de grande fôlego nasceria justamente pela mão de Byrne, na co-autoria do projecto de reabilitação do Teatro Thalia, em Lisboa. Byrne aqui a surgir como um mestre e patrono de enorme generosidade e em tudo semelhante ao apoio dado à anterior geração de seus colaboradores como Aires Mateus e Falcão de Campos, entre outros. A segunda obra notável do atelier seria uma torre na Avenida Fontes Pereira de Melo 41, ganha num concurso por convites disputado entre alguns dos melhores arquitectos da sua geração, e que iria inaugurar um discurso sobre construção em altura na cidade de Lisboa. Na brilhante articulação com o espaço público e contexto, e na elegância da sua pele, a torre, que Diogo não chegou a ver terminada, viria a demonstrar que era possível densificar, concentrar e simultaneamente qualificar a cidade, esvaziando-a de toda a polémica e processos de vilificação.

Em paralelo com esta intensa actividade de projecto, Diogo Lopes seria comissário da 4ª edição da Trienal de Arquitectura de Lisboa de 2016, em co-autoria com André Tavares. Num artigo recente, escrevi também aqui sobre a importância que este evento teve no contexto internacional e de como esta dupla de comissários soube capturar o *zeitgeist* (não é isso afinal que

esperamos das bienais?) ou até de alguma forma antecipá-lo, propondo na “Forma da Forma” um meta-discurso sobre um retorno à arquitectura enquanto linguagem que daria voz a uma importante sensibilidade crítica emergente; estou, entre outros, a pensar no núcleo da revista *San Rocco* ou na plataforma *Socks*.

Para lá do projecto *Cimêncio*, um ensaio de texto e fotografia sobre o torpor sonambúlico das periferias urbanas que Diogo Lopes assinou com o seu amigo e artista Nuno Cera, o seu maior legado escrito será certamente *Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi*. Editado a partir da sua tese de doutoramento no culminar de quase sete longos anos de investigação, este livro parte de uma análise da ideia de melancolia que lhe terá sido sugerida pela exposição *Melancolia: Génio e loucura na arte (Melancholie: Genie und Wahnsinn in der Kunst)* de 2006, na Neue Nationalgalerie de Berlim. Percorrendo o universo fantasmático de Aldo Rossi a partir de uma análise do Cemitério de San Cataldo, em Modena, o autor releva-nos o sentido trágico da biografia de um homem progressivamente desencantado pela incapacidade de conseguir, através da sua prática disciplinar, responder às ambições da construção social implícita no seu projecto crítico.

Ars longa, vita brevis. Nunca o célebre aforismo de Hipócrates, de que as 849 páginas deste imenso *Arquivo* nos dão testemunho, nos pareceu tão apropriado. Deixa-nos um exemplo de vida difícil de acompanhar: um livro, uma revista, uma exposição, um teatro e uma torre. E deixa-nos a todos, amigos fascinados, a dúvida: que faria ele daqui para a frente?

Viagens

Fragmentos de paisagens

O poeta polaco insere de maneira íntima a cultura e a experiência vivida nas paisagens que descreve, levando-nos a um mundo em que o presente só pode ser feito das sombras sábias do passado. *José Riço Direitinho*

Um Bárbaro no Jardim

Zbigniew Herbert
(Trad. de Teresa Fernandes Swiatkiewicz)
Cavalo de Ferro

★★★★★

Chamar apenas “livro de viagens” a *Um Bárbaro no Jardim*, do poeta polaco Zbigniew Herbert (1924-1998), é muito pouco para o definir. Este conjunto de dez textos – dois dos quais são

assumidamente ensaios históricos, embora com uma forma singular – é um entrelaçar de viagens reais por cidades, museus e ruínas, com uma erudição assente na herança cultural europeia. Ao lê-lo, há dois livros que assomam logo à memória do leitor: *Breviário Mediterrânico*, de Predrag Matvejevitich, e, claro, o monumental *Danúbio*, de Claudio Magris. Mas *Um Bárbaro no Jardim* é um livro diferente de ambos, embora insira da mesma maneira íntima a cultura e a experiência vivida nos fragmentos de paisagens que descreve, e que lembram telas.

Zbigniew Herbert é um dos três grandes poetas polacos do século passado – a par de Wislawa Szymborska e Czeslaw Milosz (ambos distinguidos com o Nobel). A sua obra poética está praticamente inédita em Portugal, a excepção é uma antologia publicada há alguns anos, *Escolhido Pelas Estrelas* (Assírio & Alvim, 2009). A sua poesia é ao mesmo tempo um olhar sobre o indivíduo e sobre a História na sua vertente filosófica e política. A dimensão poética de toda a sua escrita, mesmo quando escreve em prosa sobre a Antiguidade Clássica ou sobre História Medieval, como é o caso dos textos *A Defesa dos Templários* e *A Pedra da Catedral*, é bastante evidente. “Agora, diante do Templo de Hera, as rosas, cantadas por Virgílio, biferi rosaria Paesti, exalam um odor estonteante. As colunas tomam de empréstimo o fogo vivo vindo de poente. Em breve, naquela atmosfera que aos poucos escurece, hão-de parecer uma floresta queimada.”

Essa dimensão poética também não está ausente do seu olhar, trazendo para o texto aspectos por vezes inesperados e que resultam de uma maneira digressiva de pensar a paisagem. “As cidades italianas diferem umas das outras pela cor. Assis é cor-de-rosa, se é que esta expressão banal é capaz de transmitir a tonalidade levemente avermelhada do arenito. Roma fica gravada na memória como terracota num fundo verde. Já Orvieto é de um dourado acastanhado.”

A questão da cor surge logo no primeiro texto desta colectânea (sem dúvida um dos mais brilhantes): as imagens desenhadas com “grande ímpeto” nas paredes das grutas de Lascaux. Herbert nota as cores dos desenhos paleolíticos, “que são mais vivas do que nos quadros renascentistas”, desenhos pré-históricos em que se usaram as cores da terra, do sangue e da fuligem. Aquela pintura que explode “com um poder obscuro e cego”, que até as “touradas de Goya” parecem não passar de um vago eco deste furor paleolítico.

As viagens que deram origem a estes textos, em que o autor interliga vastos conhecimentos de várias áreas, aconteceram entre



Herbert conduz o leitor a um mundo em que o presente só pode ser feito das sombras sábias do passado



1958 e 1961 (as datas são despidenciadas, dada a natureza do que é tratado) por muitos lugares de França e de Itália. A partir

umas quantas notas de viagem, Herbert parte para a reflexão ensaística e convoca, sem “academismos”, toda a sua sabedoria sobre História medieval, arquitectura, pintura, filosofia e poesia clássica. Os lugares visitados – vilas, igrejas, catedrais, e restaurantes – são apenas o pretexto para levar o leitor a viajar pelo saber. Num texto sobre os Dórios, em que disserta sobre os templos gregos em Pesto, Herbert escreveu uma frase que, como imagem, resume o seu método: “Tomei uma refeição na varanda de uma modesta trattoria, cara a cara com a arte dórica”.

É desta forma simples que em viagem pela Provença, o encontramos em Arles sentado num café que na parede tem uma reprodução do célebre quadro de van Gogh, *Le café de nuit*, ali pintado em 1888. Na altura em que Zbigniew Herbert visitou aquele lugar provençal onde o pintor holandês quis capturar “um azul mais intenso do que o azul do céu”, ainda estava vivo um homem que se lembrava de van Gogh. E contou: “Vivia sozinho como um cão. As pessoas tinham medo dele”. E mais adiante o leitor fica ainda a saber que “os habitantes escreveram às autoridades municipais um requerimento, exigindo que [van Gogh] fosse internado num manicómio”. Outro habitante ilustre de Arles foi o poeta Frédéric Mistral, um genial poeta “popular, que escreveu na língua da lírica medieval mais notável”, e a quem foi atribuído o prémio Nobel em 1904.

Dos touros de Lascaux aos quadros do seu pintor preferido, Piero della Francesca, que obedecem à “lei da quietude” (como diz no texto sobre a viagem a Perugia, onde encontrou num bar Ezra Pound), Herbert conduz o leitor a um mundo em que o presente só pode ser feito das sombras sábias do passado.